

Organização da produção e perfil das associações paulistas de produtores de leite

Fábio Ravazi Gerlach (GEPAI/DEP/UFSCar) fabiorg@sebraesp.com.br
Mário Otávio Batalha (GEPAI/DEP/UFSCar) dmob@power.ufscar.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar a organização da produção de leite no Estado de São Paulo, através do perfil das associações de produtores de leite e compará-las com as demais associações de produtores rurais neste Estado. O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa de avaliação (survey). A coleta de dados foi feita a partir de uma listagem da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA) de 1999, contendo levantamento de Associações de Produtores Rurais em todo o Estado. Para a coleta de dados definiu-se como ponto comum dos produtos desenvolvidos pelas associações a pecuária leiteira. Em relação ao total geral de associações, verificou-se nas associações pesquisadas pouca participação nos programas da SAA, uma menor dependência de recursos externos para se manterem na atividade e uma interação produtor-associação menor em relação ao total geral de associações.

Palavras chave: Associações, Organização da Produção, Leite.

1. Introdução

O sistema agroindustrial do leite no Brasil vem passando, desde o início dos anos noventa, por mudanças estruturais profundas. Estas mudanças são o resultado do processo de desregulamentação do mercado, da abertura comercial ao exterior e ao Mercosul e do processo de estabilização da economia.

Face a estas mudanças, que continuam em curso, principalmente no que diz respeito às exigências de qualidade e na interação do produtor com o mercado, alguns autores prevêem um cenário para médio e longo prazo onde haverá uma drástica redução do número de produtores, com a exclusão de todos aqueles que não consigam operar com economias de escala adequadas aos novos padrões competitivos. Assim, as mudanças em curso excluiriam todos aqueles que operam, devido a escalas de produção insuficientes e/ou uso de tecnologias (de produto, processo e gestão) inadequadas, com custos demasiadamente elevados.

Uma forma encontrada para melhorar a competitividade sustentada dos produtores de leite, sobretudo aqueles de menor porte, tem sido a prática do associativismo. Porém, para que a prática do associativismo possa ser bem orientada torna-se necessário conhecê-la, avaliando as condições de sua utilização pelos produtores.

Segundo BORGES (1997), a inserção de produtores em associações é um indicador importante de inclusão social. Ela revela a efetiva intenção de fortalecimento da integração social, numa contribuição efetiva para o processo de socialização, facilitando a interlocução dos seus associados com o poder público e outros agentes sociais e econômicos que atuam no setor. Desta forma, a comunidade volta-se para si mesma na busca de reflexão sobre seus problemas, de solução dos mesmos e de novas possibilidades de desenvolvimento pessoal e coletivo.

O presente trabalho buscou responder a seguinte questão: A organização de produtores de leite em associações contribui para a competitividade sustentada dos produtores de leite ?

Para responder a questão proposta, algumas variáveis de desempenho foram estabelecidas. Estas variáveis estão ligadas a participação dos produtores de leite nos programas da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA) do Estado de São Paulo, a dependência dos produtores de fontes de recursos externas às atividades operacionais de produção e ao apoio ao associado (via serviços oferecidos aos produtores) oferecido pela associação.

A partir destas variáveis uma hipótese básica pode ser levantada. A forma como o sistema agroindustrial do leite se comporta, levando os produtores a um certo desânimo em relação à atividade, faz com que as associações que desenvolvem a pecuária leiteira apresentem um índice de participação nos programas da SAA inferior ao total das associações envolvidas com outros produtos. Porém, apesar desta situação, o fato de que a grande maioria dos produtores é não-especializada, mantendo a pecuária leiteira como atividade secundária nas suas propriedades, faz com que estes produtores sejam menos dependentes da pecuária leiteira, o que se refletiria em menos apoio da associação ao associado.

2. Notas teóricas

2.1. O segmento da Pecuária de Leite no Agronegócio do Leite no Brasil

A produção de leite é sem dúvida uma atividade de destaque do agronegócio brasileiro. A grande quantidade de terras envolvidas na produção, a quantidade de mão-de-obra que ocupa, a geração de renda, a disponibilização à sociedade de um alimento de alto valor nutritivo e matéria-prima para as indústrias laticinistas, atestam esta importância.

Segundo Yamaguchi & Martins (2001), apesar de todo este destaque, ao longo da sua história a pecuária nacional, tem sido marcada por sucessivas crises, tanto do lado da produção quanto do abastecimento. Várias causas têm sido apontadas como responsáveis por essas crises: baixa produção e produtividade, como reflexo do baixo nível tecnológico; elevada sazonalidade na produção diante da necessidade de atender o consumo relativamente estável, ao longo do ano; elevado custo de produção, quando comparado ao baixo poder aquisitivo da população; importações erráticas, decorrentes de conjunturas favoráveis no mercado internacional; estruturas oligopolizadas, tanto na intermediação do produto quanto no comércio de insumos, e, por fim, ausência de uma política global bem definida de longo prazo para o setor.

No Brasil é possível classificar os produtores de leite em inúmeras categorias. Segundo Jank *et al.* (1999) os produtores de leite podem ser classificados em duas categorias básicas:

- *Produtores especializados*: são aqueles que têm como atividade principal a produção de leite, obtida a partir de rebanhos leiteiros especializados e outros ativos específicos para este fim, tendo investido em *know-how*, tecnologia, economias de escala e até alguma diferenciação do produto (a exemplo dos leites tipo A e B). Por *especializados* entende-se a aplicação de recursos financeiros em elementos de incremento da produção de leite em termos de *volume e qualidade*, como vacas especializadas de raças européias, alimentos concentrados (farelo de soja, fubá de milho, polpa cítrica, etc.), alimentos volumosos (pastagens, forrageiras de alta produção, silagem, fenação, etc.), equipamentos de ordenha, misturadores, resfriadores de leite, etc.

A experiência do campo mostra que, se estimulado, o produtor especializado é capaz de gerar importantes ganhos de produtividade e qualidade, comparáveis a qualquer país eficiente em produção leiteira.

- *Produtores não-especializados*: também chamados de “extratores” ou “extrativistas”, os produtores não-especializados são aqueles que trabalham com tecnologia extremamente rudimentar, para os quais o leite ainda é um *subproduto* do bezerro de corte (ou vice-versa, dependendo da época do ano) e, por isso mesmo, são capazes de suportar grandes oscilações de preços. Trata-se, na sua maioria, de produtores que encontram no leite uma atividade típica de *subsistência*, portanto não-empresarial, que serve mais como uma fonte adicional de liquidez mensal, onde os custos monetários são, em geral, bastante reduzidos. São eles os principais responsáveis pela formação de excedentes de leite de baixa qualidade (pela ausência de sistemas de refrigeração) na época chuvosa. Estes produtores teriam dificuldades para sobreviver num mercado que exigisse qualidade de matéria-prima e estabilidade de produção.

De imediato, é fácil notar que as duas categorias de produtores apresentadas possuem interesses frontalmente opostos, residindo aí a principal barreira ao desenvolvimento de um poder de representação organizado e homogêneo do setor (JANK *et al.*, 1999).

2.2. Associativismo

A definição mais específica e para a qual a palavra associativismo é utilizada, é com relação à união de empresas ou pessoas com o objetivo de superar dificuldades e gerar benefícios comuns, através da criação de entidades de representação empresarial, associações específicas ou associações de interesse econômico. Numa definição mais ampla, associativismo é qualquer iniciativa formal ou informal que reúne um grupo de empresas ou pessoas com o principal objetivo de superar as dificuldades e gerar benefícios em nível econômico, social ou político (SEBRAE-SP, 1998).

Ainda conforme o Sebrae-SP (1998), existem duas formas de associativismo:

- *De entidades de Representação Empresarial* – que são as Associações Comerciais, Industriais e Rurais; as Associações específicas, com fins sociais ou políticos e os Sindicatos.
- *De Parcerias ou Associações de Interesse Econômico* – praticado por grupos de países, empresa ou pessoas (Cooperativas).

Associativismo, de acordo com Alencar (1997), refere-se a atividade humana desenvolvida em um grupo social, que é constituído por uma coletividade de indivíduos ligados entre si por uma rede ou sistema de relações sociais. Especificamente em relação as associações de pequenos agricultores, Muenchen (1996) define as mesmas como entidades que agrupam certo número de produtores, com interesses comuns, tendo como finalidade resolver os seus problemas de forma coletiva e com o uso de práticas solidárias. Dentre os objetivos de tais associações, Alencar (1997) destaca o de representação dos interesses dos associados, considerado central nos estatutos.

Atenção especial tem sido dispensada às associações, pela sua capacidade de captar e veicular demandas sociais de diferentes segmentos, em diversas situações, admitindo-se que, de acordo com o engajamento desses mediadores sociais, os “associados” têm assegurado ou não o encaminhamento de suas reivindicações, com possibilidade de fortalecer sua ação política (COSTA, 2001).

O elo de produção de leite é caracterizado por trabalhar com *commodity*. O mercado de produção de leite é um dos que mais se aproxima do mercado teórico da concorrência perfeita, já que existe uma grande quantidade de produtores que, individualmente, são responsáveis por pequena parcela da produção total. Além disso, praticamente inexistem barreiras a novos entrantes, e as informações tecnológicas e econômicas estão relativamente

disponíveis. A principal consequência dessas condições é a incapacidade de os produtores, individualmente, influenciarem o preço do produto no mercado (PÁDULA *et al.*, 1999).

Muitos entendem que a pequena propriedade rural por não ter uma produção em escala, é antieconômica, seus custos são mais elevados e o baixo retorno financeiro inviabiliza a atividade. Todavia, é possível fazer uma leitura inversa da questão quando núcleos de pequenos produtores conseguem sobreviver orientando suas produções para o mercado e obtendo ganhos de eficiência cooperativa em uma perspectiva de longo prazo (FARINA e LAZZARINI, 1998).

Destas constatações surge a necessidade da formação de organizações (ver, por exemplo, Quadro 1) que fortaleçam os agentes responsáveis pela produção de leite, de modo que estes possam, em grupos e organizados, melhorar as condições de desenvolvimento da atividade e influenciar o preço do produto no mercado.

CRITÉRIOS / ORGANIZAÇÃO	ASSOCIAÇÃO
<i>O que é</i>	Sociedade civil sem fins lucrativos
<i>Objetivos</i>	Representar e defender os interesses dos associados Organizar atividades de diversas naturezas de seus associados
<i>Número mínimo de associados</i>	Mínimo de 2 pessoas físicas e/ou jurídicas
<i>Formação de capital social</i>	Não há
<i>Geração de receita</i>	Taxas, doações, fundos e reservas
<i>Formas de gestão</i>	Cada pessoa tem direito a um voto
<i>Comercialização</i>	Não realiza operações comerciais, mas auxilia no processo
<i>Área de abrangência</i>	Limitada a seus objetivos
<i>Retorno dos resultados</i>	Não há eventuais sobras são incorporadas ao patrimônio
<i>Responsabilidade</i>	Da diretoria
<i>Remuneração dos dirigentes</i>	Não há ressarcimento de despesas

Fonte: (Adaptado de Sebrae, 2001)

Quadro 1 - Critérios e organização de uma associação

Assim, como uma importante forma de organização, principalmente para o produtor rural, as associações mostram-se como principal alternativa de adequação do produtor frente às exigências de mercado. Além da obtenção de ganhos de escala, o produtor pode ter vantagens em ações conjuntas, como compra de insumos, utilização de assistência técnica e comercialização da produção (ver, por exemplo, Figura 1).

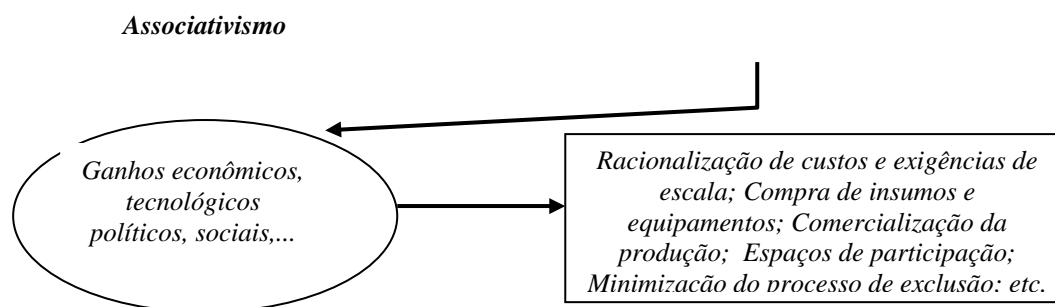


Figura 1 - Ganhos com o associativismo

3. Resultados da pesquisa

Como resultados da pesquisa de avaliação (survey), realizada a partir da listagem da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA) de 1999, tem-se as associações distribuídas por décadas de fundação (ver, por exemplo, Tabela 1), as principais fontes de recursos utilizadas (ver, por exemplo, Tabela 2), as participações nos programas da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (ver, por exemplo, Tabela 3) e os serviços prestados pelas associações (ver, por exemplo, Tabela 4).

Associações distribuídas por década de constituição				
Década	Número Geral	%	Dados de Pesquisa (pecuária leiteira)	%
1920	1	0,23	0	0
1930	2	0,46	0	0
1940	5	1,15	0	0
1950	6	1,38	1	0,23
1960	7	1,61	0	0
1970	16	3,67	4	0,92
1980	94	21,56	36	8,26
1990	305	69,95	162	37,16
Total de Associações no Estado de SP até 1999	436	100	203	46,56

Fonte: (SAA (1999) e dados de pesquisa)

Tabela 1 - Associações distribuídas por década de constituição

A Tabela 1 mostra um crescimento maior na constituição das associações após a desregulamentação do setor na década de 90. Cumpre destacar que quase metade do total de associações (46,56 %) tem entre as atividades dos seus associados a pecuária leiteira.

Principais fontes de recursos				
Fontes de recurso	Número Geral	%	Dados de Pesquisa (pecuária leiteira)	%
Contribuições provenientes dos associados	218	50	94	22,25
Taxas de serviços	137	31,42	57	13,07
Subvenções do poder público	21	4,82	13	2,98
Eventos	20	4,59	15	3,44
Doações	16	3,67	9	2,06
Contribuições do setor canavieiro	11	2,52	0	0
Aluguéis diversos	1	0,23	1	0,23

Fonte: (SAA (1999) e dados de pesquisa)

Tabela 2 - Principais fontes de recursos das associações

A Tabela 2 aponta uma dependência de fontes de recursos externos das associações de produtores de leite menor em relação ao total geral das associações pesquisadas, podendo-se destacar as *subvenções do poder público*, com 4,82 % do total de associações que utilizaram desta fonte de recurso, contra 2,98 % das associações pesquisadas. Também destacam-se as

doações, com 3,67 % do total de associações que utilizaram desta fonte de recurso, contra 2,06 das associações de produtores de leite pesquisadas.

Participação em programas da Secretaria de Agricultura e Abastecimento segundo número de associações				
Nome do programa	Número Geral	%	Dados de Pesquisa (pecuária leiteira)	%
Mecanização agrícola	56	12,84	31	7,11
Microbacias hidrográficas	42	9,63	32	7,34
Pecuária leiteira	35	8,03	28	6,42
Inseminação/Inseminação Artificial/Posto de Monta	18	4,13	11	2,52
PRONAF-SP	15	3,44	7	1,61
Teste Regional	5	1,15	2	0,46
Máquinas e equipamentos Comunitários (FEAP)	4	0,92	1	0,23
Projeto algodão (FEAP)	3	0,69	1	0,23
Produtividade agrícola	3	0,69	2	0,46
Manejo integrado de pragas (MIP)	3	0,69	1	0,23
Armazém Comunitário	3	0,69	1	0,23
Qualidade e produtividade (Selo)	2	0,46	0	0
Abastecimento popular	2	0,46	0	0
Apoio à pesca Artesanal (FEAP)	2	0,46	0	0
Melhor caminho	2	0,46	2	0,46
Projeto Café (FEAP)	1	0,23	1	0,23
Mini usina de leite	1	0,23	1	0,23
Total de participação nos programas da SAA	197	45,18	121	27,75

Fonte: (SAA (1999) e dados de pesquisa)

Tabela 3 - Participação em programas da Secretaria de Agricultura e Abastecimento segundo número de associações

A Tabela 3 destaca a participação das associações nos programas da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA), onde 45,18 % do total de associações participaram de pelo menos um programa, contra 27,75 % das associações de pecuária leiteira pesquisadas.

Serviços prestados aos associados segundo número de associações				
Nome do serviço	Número Geral	%	Dados de Pesquisa (pecuária leiteira)	%
Mecanização	177	40,6	107	24,54
Assistência técnica agrônômica	153	35,09	51	11,70
Aquisição de insumos	142	32,57	61	13,99
Assessoria na comercialização dos produtos	129	29,59	37	8,49
Assistência técnica veterinária	77	17,66	39	8,94
Reuniões técnicas, cursos, palestras, exposições.	61	13,99	24	5,50
Transporte da produção do associado	56	12,84	26	5,96
Armazenagem	53	12,16	26	5,96
Secagem	22	5,05	5	1,15
Beneficiamento	20	4,59	9	2,06
Registro genealógico de animais	12	2,75	2	0,43
Industrialização	11	2,52	3	0,69
Viveiro de mudas	10	2,29	7	1,61
Assistência médica	8	1,83	0	0
Inseminação artificial	8	1,83	7	1,61

Mini usina de leite	8	1,83	7	1,61
Assistência social	8	1,83	1	0,23
Assistência odontológica	6	1,38	0	0
Assistência jurídica	5	1,15	0	0
Balança	5	1,15	1	0,23
Assistência zootécnica	4	0,92	1	0,23
Laboratório de análise	4	0,92	0	0
Despachante	3	0,69	1	0,23
Implementos agrícolas (cessão/locação)	3	0,69	2	0,46
Assessoria na colheita	3	0,69	0	0
Controle leiteiro	3	0,69	3	0,69
Banco de dados	2	0,46	0	0
Contabilidade rural	2	0,46	1	0,23
Conservação da mata ciliar	2	0,46	1	0,23
Hospital	2	0,46	0	0
Assistência farmacêutica	1	0,23	0	0
Análise de solo	1	0,23	0	0
Conservação de estradas rurais	1	0,23	1	0,23
Corte de cabelo	1	0,23	1	0,23
Outras compras em comum	1	0,23	1	0,23
Pulverização agrícola	1	0,23	0	0
Sanidade animal	1	0,23	1	0,23
Classificação	1	0,23	0	0
Total de serviços prestados	1007		426	

Fonte: (SAA (1999) e dados de pesquisa)

Tabela 4 - Serviços prestados aos associados segundo número de associações

A Tabela 4 apresenta a prestação de serviços das associações para seus associados. No total geral das associações são oferecidos 2,3 serviços/associação, contra 0,98 serviços/associação das associações de produtores de leite pesquisadas.

4. Conclusões

É importante esclarecer que a base de dados analisada contempla associações que trabalham outros produtos além do leite. Este fato compromete, parcialmente, conclusões mais aprofundadas a respeito da pecuária leiteira e o associativismo.

Pelo número de associações pesquisadas é possível concluir inicialmente que estas representam uma boa parte dos produtores ligados à pecuária leiteira, pois eram 19.302 produtores associados, num total de 80.000 no ano de 1998, no Estado de São Paulo, o que representa 24 % do total de produtores de leite do Estado. Levando-se em consideração as dificuldades encontradas para a formação de agrupamentos de qualquer natureza e o período pesquisado pode-se dizer que este fato é bastante representativo.

As associações que desenvolvem a pecuária leiteira apresentam um índice de participação nos programas da SAA menor em relação ao total geral das associações. Este fato pode ser explicado, *a priori*, pela não especialização e pelo posicionamento extrativista dos produtores, que tem no leite uma atividade típica de subsistência, que serve mais como uma fonte adicional de liquidez mensal, o que não os motiva a participar de programas pela falta de foco em uma atividade principal.

As associações que desenvolvem a pecuária leiteira apresentam um grau de dependência menor em relação ao total geral das associações, dependendo menos de recursos externos para manterem a atividade. Este fato pode ser explicado, parcialmente, pela não dedicação a uma atividade principal, ou seja, quando surgem as dificuldades os recursos de outras atividades colaboram para a manutenção das atividades da associação.

As associações que desenvolvem a pecuária leiteira apresentam um grau de interação com o produtor menor em relação ao total geral, oferecendo menos serviços aos seus associados. A falta de foco dos associados em uma atividade principal dificulta o oferecimento de serviços específicos em função do custo/benefício da ação.

Estas explicações a respeito de falta de foco em uma atividade principal e do comportamento extrativista dos produtores, com dedicação a outras atividades além da pecuária leiteira, podem ser entendidas quando tem-se, dentre todas as associações que desenvolvem a pecuária leiteira, apenas 10 % desenvolvendo apenas a pecuária leiteira. Assim, as conclusões validam a hipótese apresentada.

A organização dos produtores em associações permite um melhor desempenho à medida que estes passam a ter vantagens que não teriam atuando individualmente, principalmente em relação aos ganhos de escala. Porém, pelos números encontrados, há ainda muito por se fazer, principalmente em relação à interação produtor-associação.

5. Referências bibliográficas

ALENCAR, E. Associativismo rural e participação. Lavras: UFLA/FAEPE, 1997.

BORGES, J. R. P. A exclusão social no processo de interiorização do desenvolvimento paulista: um estudo de caso sobre as famílias ribeirinhas do Tietê, Piracicaba e Paranapanema. São Carlos, 1997. 133p. Mestrado (Mestrado em Ciências Sociais) –Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

COSTA, A.A.A.; RIBEIRO, T.C.A. O Associativismo no meio rural brasileiro: contradições e perspectivas. Artigo apresentado no SOBER, 8p, 2001.

FARINA, E.M.M.Q.; LAZZARINI, S.G. A pequena produção e o agribusiness. São Paulo: FEA-USP, 1998. (Seminários)

JANK, M.S.; FARINA E.M.M.Q.; GALAN, V.B. O Agribusiness do Leite no Brasil. USP, FIA, PENSA, IPEA, São Paulo 1999, p. 11.

MUENCHEN, J. V. O planejamento e o controle da produção em associações de pequenos agricultores. Piracicaba: ESALQ (Dissertação de Mestrado em Economia Aplicada), 1996. 109p.

PADULA, A.D.; CASTRO, C.C.; FENSTERSEIFER, J.E.; MATTUELLA, J.L.; MULLER, L.A. A cadeia de suprimento no setor agroindustrial leiteiro no Rio Grande do Sul: uma análise das estratégias empresariais frente ao mercosul. In: Indicadores Econômicos, Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, v. 26, n. 4, 1999. 14p.

SAA, Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Associação de produtores rurais do Estado de São Paulo: Informações Básicas. Coordenadoria de Desenvolvimento dos Agronegócios. Instituto de Cooperativismo e Associativismo. São Paulo, 1999.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Oficina de redes associativistas empreendedoras / Manual do Facilitador. Programa Sebrae de Redes Associativistas Empreendedoras. Brasília, Edição Sebrae 2001.

SEBRAE-SP, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de São Paulo. História do associativismo no Brasil e no mundo, 1998. Disponível em: http://intranet/pesquisas/associativas/historia_do_associativismo_no_br.htm. Acesso em: 04/02/2002.

YAMAGUCHI, L. C. T.; MARTINS, Paulo do Carmo; CARNEIRO, Alziro Vasconcelos. Produção de leite no Brasil nas últimas três décadas. In: GOMES, Aloísio Teixeira; LEITE, José Luis Bellini; CARNEIRO, Vasconcelos (Ed.). O Agronegócio do leite no Brasil. Juiz de Fora (MG): Embrapa Gado de Leite, 2001. p. 33-48.